

A Juventude no contexto da sociedade urbana e industrial em Goiás

Maciel Pereira da Silva,

da Secretaria de Educação do Distrito Federal - Gama – Brasil.

vipesi03@yahoo.com.br

Resumo: O texto apresentado consiste em uma análise da constituição e evolução da juventude no contexto da sociedade urbana e industrial de Goiás no período que compreende o final da década de 1970 a 2010. Nesse sentido, enfatiza-se o contexto transformador da modernização territorial, como elemento transformador da cultura goiana e por consequência da realidade juvenil. Para dar plausibilidade a esse objetivo destaca-se a diferenciação conceitual do termo jovem e juventude e elegem-se as categorias trabalho e educação como elementos ilustrativos das transformações na juventude em Goiás. Para tanto, foram elencadas a relação da juventude com o trabalho e a educação, na sociedade goiana agrária e na sociedade goiana urbana e industrial. Como procedimento metodológico, utilizou-se a história oral e instrumentos metodológicos quantitativos (gráficos, tabelas, mapas) e qualitativos (realização de entrevistas, observação participante) como complemento de uma revisão teórica de estudiosos do assunto. Nesse sentido, entende-se ser este estudo uma contribuição para a compreensão da juventude no concerto da realidade goiana.

Palavras chave: Juventude. Trabalho. Educação. Modernização. Território. Goiás.

Introdução

Meu pai morreu eu tinha dois ano de idade. [...] Nois morava numa casa do meu pai; que ele construiu né, ainda, lá nos Martório. A casa era de pau a pique e foia né, então quando os irmão mais veio, filho só do meu pai, que era o Leandro, o Nenê, o Alipe, então abandonô tudo, a minha mãe né. O meu pai tinha dez filho quando casou com a minha mãe. Com a minha mãe adquiriu seis né, cinco e eu. Aí ninguém fazia nada né, de bemfeitoria, nada, nada. e não existia também, era cortar foia e pô ota foia nova na casa né e minha mãe não tinha como fazê e meus irmão também não importou, então ela abandonou né, a casa lá e nois mudou pra Antagorda né. E aí o Clarindo foi e tomô conta daquilo lá, não sei se foi comprado ou o que que foi né.[...] E lá na Antagorda foi quando eu perdi minha mãe né. Minha mãe morreu tal e eu fui pra casa do Sabino (irmão mais velho do segundo casamento) né, lá que eu cabei de cria. Tava com seis ano de idade. Aí já comecei a trabaia com o meu irmão. Nois foi prantá roça, coiê, essas coisa né [...] Quando nois mudou pra Rancharia, aí dobrô o serviço né. lá onde nois morava tinha engenho, cana, carro de boi, era mué cana, fazê rapadura, carriá com carro de boi, tinha muita vaca pra nós tirá leite né. então nois tirava leite lá de sessenta setenta reis. Então era nois dois. Nois era junto né. Foi até eu casar, em 1956. [...] Diversão era ter um cavalo bão arriado e ir nos pagode final de semana. Sempre tinha os mutirão também né. [...] Lê e escrevê, eu aprendi um pouquinho com a Sebastiana, minha primeira esposa.

J. P. S.

Ano de nascimento: 1931.

Meu nome é D. P. N., tenho 23 anos de idade, nasci e moro em Catalão – GO e sou estudante do curso de Ciências da Computação na Universidade Federal de Goiás. Meus pais são separados, moro com minha mãe, meu irmão e meu padrasto. Sou solteiro e não penso em casamento ainda. Também não trabalho. Meu dia a dia é dedicado à faculdade, a meus hobbies e a meu sono. Minha faculdade é integral e fica na minha cidade, que é uma grande vantagem se tratando em termos econômicos. Quando estou em casa ocupo a maior parte do tempo na internet, assistindo vídeos, escutando músicas e entrando no facebook. Gosto muito também de assistir filmes, séries e tocar violão. Jogo bola duas vezes na semana em uma quadra perto de casa com amigos da faculdade. Meu final de semana não segue um roteiro, mas acabo ficando em casa dormindo muito, jogando no computador e navegando na internet. Sábado à noite eu e meu irmão saímos para jantar. Quando voltamos sempre gosto de assistir um filme. Meu Domingo segue o mesmo ritual. À noite eu e meu irmão vamos a Igreja e voltamos pra casa logo em seguida.

D. P. N.

Ano de nascimento: 1990.

Os relatos¹ acima nos propiciam conhecer a dimensão das diferenças na vida e cotidiano de um jovem goiano na década de 1940/1950² e outro que vive tal fase da vida na primeira década do século XXI. Tais diferenças podem ser observadas na relação com o trabalho, com os estudos, no casamento, no desenho familiar, na forma de lazer, entre outros.

Pressupõe-se que as referidas mudanças tenham sido motivadas, principalmente pela modernização do território goiano e que esta, por sua vez, seja fruto de uma estratégia geopolítica com vistas a inserir o Estado de Goiás no âmbito da economia nacional e, posteriormente, na economia mundial.

Constitui-se em propósito deste artigo, compreender a constituição da juventude goiana e suas principais transformações, principalmente com relação ao trabalho e ao estudo, desde a sociedade agrária³ até a sociedade goiana urbana e industrial e, paralelamente, relacioná-la ao processo de modernização do território goiano.

Para tanto, busca-se por meio da história oral, elementos que deem sustentação aos argumentos apresentados. Além da história oral, foram utilizados elementos quantitativos

¹ Os relatos foram coletados a partir de uma entrevista com os atores. Ambos foram solicitados a contar um pouco de sua história e rotina no período da juventude.

² Embora o recorte temporal apresentado contemple as décadas de 1970/2010, consideramos a pertinência de um retorno para melhor entendimento do contexto em estudo.

³ Entendemos que a sociedade goiana pode ser caracterizada como agrária até a década de 1970. Até aquele período população era majoritariamente rural e a economia assentava-se basicamente no setor primário da produção.

e qualitativos, para compor a estratégia metodológica deste estudo. Ressaltamos que os dados qualitativos e quantitativos foram construídos a partir das entrevistas realizadas. Da análise das respectivas entrevistas resultaram gráficos, tabelas, mapas.

Entende-se que seja prudente, ao iniciar as reflexões sobre a temática proposta, tecer uma análise a respeito da concepção contemporânea das categorias jovem e juventude. A noção de jovem é muito comumente entendida pelo viés natural e relacionada à faixa etária do indivíduo, que pode variar de acordo com as instituições e sociedades. Não há consenso a este respeito.

No entanto, os estudos mais recentes sobre a juventude, principalmente pelas Ciências Humanas, procuram ampliar a visão a respeito do jovem para além de uma determinada idade e entendê-lo, também, como um agente social. A intenção é desvinculá-lo de uma ideia puramente etária e natural.

A mesma preocupação existe com relação à juventude. No intuito de caracterizá-la, de forma desvinculada de uma determinada faixa etária, muitos autores definem-na como um estilo de vida pautado por determinados valores no âmbito do consumo. Sobre esse entendimento de juventude, Debert (2010, p. 2), afirma que “[...] a juventude perde conexão com um grupo etário específico e passa a significar um valor que deve ser conquistado e mantido em qualquer idade através da adoção de formas de consumo de bens e serviços apropriados”.

Outros autores ainda (ABRAMO, 2011) definem juventude a partir de uma situação de moratória. Esse seria um período de concessão, situado entre a infância e a idade adulta; no qual, os jovens se dedicariam a uma preparação para o exercício futuro da vida adulta. É importante destacar que o período de moratória só se tornou possível ao jovem urbano. Na sociedade agrária, a transição da infância ao mundo adulto ocorria de forma direta e em idade ainda precoce.

As leituras e análises acima empreendidas convergem para o entendimento de juventude desvinculado de uma faixa etária fixa, como elemento que delimita início e fim da mesma. A juventude seria um fenômeno coletivo, socialmente construído e vivenciado em um determinado momento da vida pelos indivíduos.

Embora exista grande incidência de indivíduos jovens que experimentam a juventude, esta não é uma regra. O momento de se aderir ou desvincular-se da juventude pode ocorrer em qualquer idade e é determinado pela adoção de valores sociais, culturais e simbólicos típicos da cultura juvenil.

Infere-se, portanto que, pautado pela idade, o indivíduo jovem esteve presente em todas as sociedades, inclusive na sociedade brasileira e sociedade goiana. Já o jovem

entendido como agente social é fruto da sociedade moderna e se origina das reflexões empreendidas pelas Ciências Humanas.

A juventude, assim como o jovem, considerados em um contexto social, aparece como fenômeno recente na história das sociedades. Abramo (2011, p. 41) afirma que “[...] a juventude nasce na sociedade moderna ocidental como um tempo a mais de preparação para a complexidade das tarefas de produção e a sofisticação das relações sociais que a sociedade industrial trouxe”. Portanto, para a autora, a juventude nasce na sociedade moderna em função das necessidades em atender as novas demandas sociais produzidas pela sociedade industrial.

Pensar a sociedade brasileira, à luz das reflexões tecidas, nos conduz a certificar que o jovem sempre existiu; já a juventude não. A juventude, enquanto fenômeno social coletivo é fruto da sociedade urbana e industrial. Essa sociedade permitiu ao jovem vivenciar o período de moratória; fundamental para criar as condições de vivência da juventude. Portanto, na sociedade agrária brasileira, até o fim da década de 1970, apenas o jovem era real. A juventude brasileira passou a ser realidade somente a partir dos últimos anos de 1980.

A constituição da juventude no contexto transformador da modernização do território goiano

No debate sobre a questão da juventude brasileira, pode-se afirmar que há concordância entre diversos pesquisadores das Ciências Humanas⁴, que a juventude brasileira, enquanto fenômeno coletivo nasceu a partir da década de 1960; estabelecendo-se no estado de Goiás na década de 1980. No mesmo período em que nascia a juventude, o estado de Goiás consolidava os primeiros passos rumo à modernização do território. Esta viria a provocar significativas mudanças socioeconômicas, a partir das quais reafirmariam-se as condições favoráveis para a constituição da juventude goiana.

Consideremos que o estilo de vida adotado pelos indivíduos a fim de vivenciarem a juventude só pode ser realidade no contexto de uma sociedade urbanizada. Somente na sociedade urbana e industrial, na qual os jovens podem viver o período de moratória, é possível o desenvolvimento da cultura juvenil. Condição esta, não encontrada na sociedade agrária goiana.

De acordo Borges (1990), Estevam (2004), Mendonça (2005), Chaul (2010) e diversos pesquisadores do assunto, a chegada da estrada de ferro a Anápolis em 1935; a construção de Goiânia e a transferência da capital da cidade de Goiás em 1937; a Marcha

⁴ Ver Cassab (2010), Abramo (2011), Chaveiro (2011).

para o Oeste, também no final da década de 1930; os projetos de implantação da Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG) em 1941; o Plano Rodoviário Nacional e a construção de Brasília nas décadas de 1950 e 1960 constituíram as principais ações estatais, no sentido de promover as mudanças estruturais básicas que viriam a estimular a expansão do capital para o Estado de Goiás.

Tais ações foram seguidas da inserção de tecnologia no campo juntamente com o desenvolvimento de pesquisas no sentido de corrigir o solo ácido do Cerrado, tornando-o produtivo para os moldes industriais. Consolidava-se, dessa forma, o processo de agroindustrialização do estado e a estratégia geopolítica de inserção do território goiano na economia nacional e mundial.

Para Inocêncio (2010), todo e qualquer uso territorial com conseqüente mudança da paisagem geográfica é dotado de intencionalidades, as quais se consolidam através de estratégias ideológicas que dão suporte objetivo e subjetivo. Portanto, a pautar-se pela análise da autora, toda mudança socioeconômica consolidada com o processo de modernização do território goiano e sua inserção no circuito econômico mundial, foi conduzido por uma estratégia geopolítica, cujas intencionalidades eram claras e previamente definidas.

Ao analisar o processo de modernização do território goiano e suas conseqüências para a sociedade, Chaveiro, Calaça e Rezende (2009, p. 26) afirmam que:

O modelo tecnológico mudou também a relação do sujeito social com o campo e a cidade. Essa relação passa a ser mediada pelas técnicas, pela circulação, pela informatização e principalmente pelo consumismo. A modernização agrícola não só produziu mudanças econômicas e técnicas, mas principalmente transformações sociais.

Os autores entendem que o modelo de modernização do território goiano, tido como excludente e conservador, não se limitou a mudanças na paisagem geográfica. Este interferiu, também, na forma de organização social dos sujeitos que aqui viviam.

Infere-se que uma das facetas das transformações sociais tenha se manifestado na dinâmica demográfica do Estado. As influências podem ser observadas principalmente no crescimento acelerado da população, com contribuição especial da migração e no intenso processo de urbanização da sociedade, inclusive com a formação de duas metrópoles regionais: Área Metropolitana de Brasília⁵ e Goiânia.

De acordo com dados dos censos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE), em 1940 a população de Goiás totalizava 826.414 habitantes. Em 2010 o Estado passou a contar com um contingente populacional na ordem de 6.003.788 habitantes.

⁵ Cf. Codeplan (2013)

Deve-se considerar, ainda, a perda de quase um milhão de habitantes com a criação do Estado de Tocantins no final da década de 1980.

A migração contribuiu decisivamente para o expressivo crescimento populacional no estado. A construção de duas capitais planejadas e a dinamização da economia, principalmente em função da modernização da agricultura, funcionaram como atrativo para a população, que veio de diversos estados do País.

Durante o período em que Goiás vivenciava o grande crescimento populacional, ocorria, paralelamente, o processo de urbanização da população. O resultado desse processo foi a inversão do perfil demográfico: de população predominantemente rural em 1940, à população predominantemente urbana em 2010. O gráfico abaixo mostra a evolução desse processo:

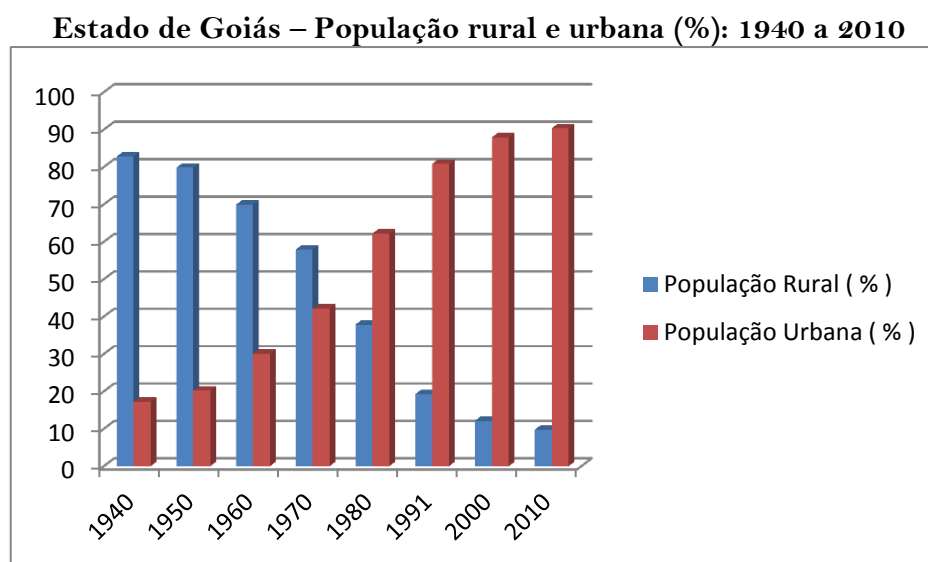


Gráfico 01- Goiás: população rural e urbana (%): 1940-2010

Fonte: Censos demográficos do IBGE. Org.: Silva, M. P. da / 2013.

Ao final da primeira década do século XXI, a taxa de urbanização da população goiana chega ao patamar de 90%. Na dinâmica do processo de crescimento e urbanização da população goiana é perceptível a lógica da distribuição espacial da população em função da atração promovida pelo capital. É notável a tendência de concentração populacional nas áreas de maiores investimentos econômicos. Os espaços menos interessantes ao capital apresentam menores densidades populacionais. Chaveiro, Calaça e Rezende (2009, p. 28) afirmam que:

A disseminação da modernização, a intensificação da urbanização, da estrutura industrial, da renda, do emprego produziu um crescimento populacional, que ainda se intensifica desigualmente em todo território em decorrência da funcionalidade e do poder de atração dos polos em desenvolvimento. Observa-se áreas com alto crescimento e concentração populacional na região metropolitana de Goiânia, Entorno de Brasília, outros municípios no Sudoeste

Goiano, como Rio Verde e no Sudeste Goiano, Itumbiara, Catalão, Caldas Novas, e também microrregiões com taxas de crescimento negativo.

A concentração populacional, em função da atração dos polos em desenvolvimento, levou à formação de duas metrópoles regionais no Estado. Segundo Arrais (2004), a Região Metropolitana de Goiânia e os municípios goianos da Área Metropolitana de Brasília. Juntas, as duas metrópoles regionais abrigam cerca de 50% da população do Estado.

As mudanças socioeconômicas consolidadas em Goiás foram decisivas para a constituição da juventude goiana. Conforme já se afirmou em outro momento neste texto, a urbanização da população constituiu-se em requisito essencial para a vivência da juventude. Somente a sociedade urbana poderia conceder ao jovem o período de moratória entre a infância e a idade adulta. Na sociedade agrária, a passagem da infância à idade adulta ocorria de maneira direta por meio de elementos como o trabalho e o casamento.

Tais mudanças permitem, também, a compreensão das diferenças entre os modos de vida dos dois entrevistados apresentados no início deste texto. É importante considerar que o primeiro depoente, enquanto jovem, vivenciou o Goiás rural, antes das transformações socioeconômicas. Já o segundo, vivencia o novo estado. O Goiás urbano e industrial.

Outro importante elemento a ser considerado consiste no fato de ambos viverem em Catalão-GO, região de intensos investimentos de capital, com profundas mudanças na paisagem geográfica. Ao analisar as diversas mudanças sociais ocorridas em Goiás em função da modernização do território goiano, Chaveiro, Calaça e Rezende (2009, p.14) tecem a seguinte analogia a respeito da juventude:

Novo perfil da juventude, de sua sociabilidade urbana e de sua inserção na sociedade global a partir do “enfraquecimento dos sistemas simbólicos de referência”, da competição pelo mercado de trabalho, de novos ethos de namoro a partir da informação, da técnica ao mesmo tempo que se torna refém de problemas como a violência urbana, a desigualdade social, a fragmentação identitária, da toxomania, do consumismo, do sexismo, do narcisismo etc.

A análise tecida pelos autores acima citados, a respeito das transformações no perfil da juventude em Goiás, oferece ao leitor um panorama geral das novas condições de vivência juvenil no estado. São notáveis as alterações nos valores culturais e simbólicos locais e no modo de vida da juventude em função da influência de novos elementos culturais, difundidos pela sociedade global.

Na fala dos entrevistados estão presentes diversos elementos que revelam as alterações do modo de viver da juventude goiana contemporânea. Entre os elementos que

podem revelar tais diferenças, elege-se o trabalho e o estudo para uma breve analogia comparativa.

Juventude goiana e trabalho

Para o jovem brasileiro, filho da sociedade agrária goiana, o trabalho era um dos elementos simbólicos que marcava a passagem da infância para a vida adulta. O ingresso no mundo do trabalho ocorria de forma natural, a partir do momento em que o desenvolvimento físico do jovem, tanto meninos quanto meninas, ofereciam condições para a prática laboral.

A inserção ao trabalho ocorria pela execução de tarefas mais simples, compatíveis com a idade precoce e o corpo ainda em formação. À medida que o desenvolvimento corporal permitia, o jovem trabalhador, de ambos os sexos, assumia as tarefas ligadas ao campo, em condições de igualdade com o pai, a mãe ou irmãos mais velhos. A tendência natural era os filhos darem continuidade ao ofício dos pais. I. S. D., nascida em 1942, moradora de Catalão nos conta que:

Trabalho desde os meus dez anos de idade. Como sou a filha mais velha de doze irmãos, desde muito cedo assumi a responsabilidade de cuidar de meus irmãos mais novos. Na minha época era assim, os meninos cresciam um pouquinho e já começavam a trabalhar era os meninos ajudando os pais na roça, moendo cana, tratando das criações... e as meninas ajudando as mães nos serviços da porta, cê entende, né? Barrer casa, por roupa no varal, cuidar dos mais novos...essas coisas... daí quando a gente panhava um tamanho, crescia né? Era a gente que ia dar descanso pros véio. Meu irmão Zé por exemplo, herdou de meu pai a profissão de carpinteiro. Dos mió que tem por essas banda. Meu pai fazia um curral que precisa saber alguém pra fazer mió. Ana, minha irmã caçula, é cozinheira de mão cheia! Aprendeu com nossa mãe. É assim mesmo...vai passando de pai pra filho. Essa é a herança que eles deixaram e que nós vamos deixar pra nossos filhos. Um meio de vida.

I. S. D.

Ano de nascimento: 1942

No referido contexto, o jovem atuava predominantemente no setor primário da economia, em atividades relacionadas à agricultura e pecuária. O primeiro entrevistado, no início deste artigo, e a senhora I. S. D. corroboram essa condição em suas experiências laborais. A modernização do território goiano, acompanhada da dinamização da economia e urbanização da população levou à criação de grande parte dos postos de trabalho no

setor terciário da economia, onde a juventude passou a ter forte atuação. O gráfico abaixo mostra a distribuição dos postos de trabalho por setores da economia em Goiás -2010⁶.

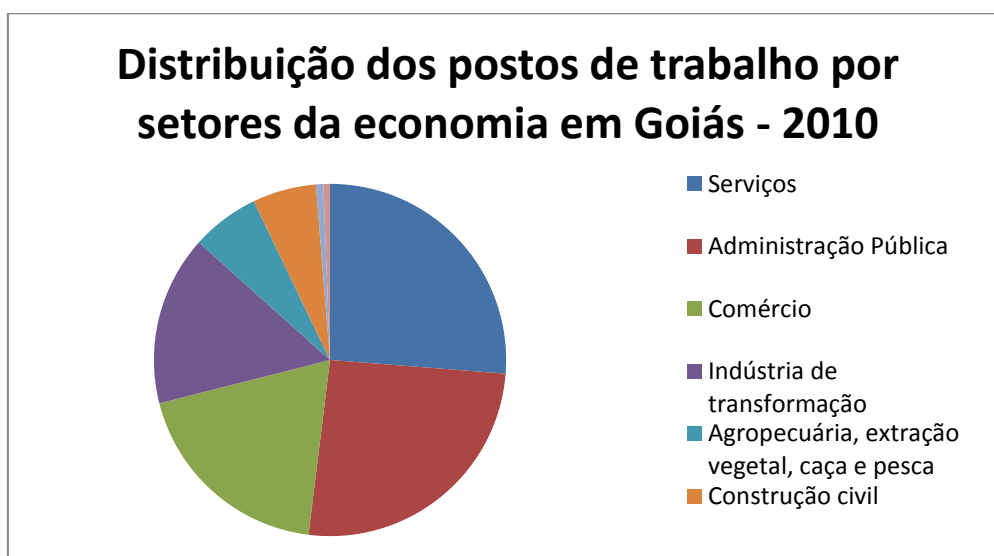


Gráfico 02- Distribuição dos postos de trabalho por setores da economia em Goiás- 2010
Fonte: MTE/RAIS – 2010. Org.: SILVA, M. P. da. 2014.

De acordo com as informações do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), apresentados no gráfico acima, no ano de 2010, em torno de 70% dos empregos formais no estado eram oferecidos no setor terciário da economia. Ainda, de acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PNAD/IBGE) em 2010, os trabalhadores do comércio apresentavam a menor média etária, em média 31 anos de idade.

Outro importante fator a ser considerado, é que as informações acima se referem a empregos formais, declarados na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do MTE. Estão excluídos desses dados, portanto, os milhares de trabalhadores informais, principalmente jovens, que atuam em diversos setores da economia em todo o estado.

A idade com que se começa a trabalhar é outro elemento presente na fala dos entrevistados. O primeiro entrevistado iniciou as práticas laborais ainda na infância; já o segundo entrevistado, aos 23 anos de idade não começou ainda a trabalhar e se dedica somente aos estudos. A inserção ao mercado de trabalho está sendo lentamente postergada pelo jovem goiano. Esta tendência pode ser confirmada nos dados da pesquisa apresentados na tabela que segue.

⁶ Para uma leitura comparativa de dados sugerimos consulta aos Censos IBGE-1940, 1960, 1980. Estes apresentam informações pertinentes à distribuição da força de trabalho.

Tabela 01: Faixa de idade que o trabalhador goiano começou a trabalhar- Goiás/2009

Faixa de Idade que começou a trabalhar.	Grupo Etário Pesquisado – Goiás 2009.			
	16 a 24 anos	25 a 34 anos	35 a 64 anos	65 anos ou mais
Até 9 anos	4,72	9,58	20,22	35,04
10 a 14 anos	32,62	43,69	47,00	49,85
15 a 17 anos	39,11	27,76	18,45	9,06
18 a 19 anos	18,56	10,41	7,15	1,81
20 a 24 anos	4,99	6,51	4,47	2,11
25 a 29 anos		1,7	1,16	0,91
30 anos ou mais		0,35	1,54	1,21
Total	100%	100%	100%	100%

Fonte: PNAD/IBGE/2009 – SEGPLAN-GO.

Os dados mostram que no grupo etário de 65 anos ou mais, em torno de 85% das pessoas começaram a trabalhar até os 14 anos de idade. Já entre os mais jovens, esse percentual cai para 37,34% do total. É fato a tendência de se postergar a entrada dos jovens ao mundo do trabalho; porém, a maioria começa a trabalhar ainda dos 10 aos 17 anos de idade; período em que deveriam se dedicar integralmente aos estudos.

Outras diferenças podem ser observadas ao comparar o processo de inserção do jovem ao mundo laboral nos distintos contextos históricos: para o jovem filho da sociedade agrária goiana, o processo de inserção ao mundo do trabalho ocorria de forma natural. Era algo previsível, seguro. Portanto, as possibilidades de se gerar angústia ou sofrimento eram ínfimos.

Já para a juventude urbana é um processo complexo e instável, que gera incertezas e insegurança. Nível de escolaridade, formação técnica, experiência profissional, taxa de desemprego e mercado de trabalho são alguns dos novos componentes mediadores da relação juventude e trabalho na sociedade urbana de Goiás.

Vencer os obstáculos acima evidenciados e inserir-se no mercado de trabalho, não significa exatamente uma situação confortável para a juventude contemporânea. O processo de reestruturação produtiva do capital, consolidada no estado e no país como um todo, após a década de 1990, tem precarizado gradativamente as relações de trabalho, mesmo aquelas baseadas na formalidade.

O achatamento dos salários e a remuneração por produção, a terceirização do trabalho, a contratação por Pessoa Jurídica (PJ) e por cooperativas de trabalho, os estágios, o trabalho em domicílio, o teletrabalho, etc. são exemplos de elementos que permeiam o mundo laboral em Goiás, ao qual a juventude atual se propõe a inserir.

Ainda no intuito de evidenciar diferenças nas práticas laborais juvenis em tais contextos, propõe-se a reflexão sobre os objetivos do trabalho, nos diferentes momentos: O jovem rural trabalhava visando a subsistência familiar. O objetivo central era auxiliar a família na produção de alimentos.

Já a juventude contemporânea tem como motivação central para o trabalho, o fato de ser este uma forma de criar as condições para a vivência juvenil, principalmente por meio do consumo de mercadorias inerentes ao universo jovem.

Para Canezin Guimarães e Dias (2007)⁷ além de ser uma forma de ajudar a família, o trabalho possibilita a vivência do juvenil por intermédio da fruição de atividades de lazer e cultura e da incorporação de bens materiais simbolicamente identificados com o modelo cultural do jovem, divulgado pela mídia, como roupas, aparelhos eletrônicos.

Juventude goiana e educação

Em suas falas, ambos os entrevistados contemplam também suas experiências com relação à educação. O primeiro entrevistado revela que não teve a oportunidade de frequentar a escola e foi alfabetizado por sua esposa, já aos 18 anos de idade. O segundo entrevistado, em situação completamente oposta, é estudante universitário aos 23 anos de idade.

As diferentes situações acima apresentadas ilustram parcialmente o percurso evolutivo da educação em Goiás, que acompanha a tendência nacional. Os dados apresentados na tabela a seguir, sobre o índice de analfabetismo no Estado, apontam a crescente aproximação do jovem goiano com a escola no período pós 1940. Veja:

Tabela 02: Taxa de analfabetismo da população de 15 anos ou mais em Goiás-1940 a 2010.

Ano	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010
Taxa de analfabetismo	*	*	*	**	**	**	**	**
	77%	71,5%	55,2%	36,8%	25,9%	18,4%	11,9%	8,0%

Fonte: Censos do IBGE. *Fonte: FERRARI, A. R. Analfabetismo no Brasil: tendência secular e avanços recentes. in **Caderno Pesquisa, São Paulo: (52) 35-49, fev/1985. *Pessoas acima de 5 anos de idade. Org.: Silva, M. P. da. 2014.

Os dados mostram a constante redução da taxa de analfabetismo na população goiana. O referido índice parte de 77% em 1940 e chega a 8% em 2010. De acordo com dados do IBGE, entre os jovens de 15 a 24 anos de idade o índice cai para 1,2% do total.

O cenário acima reflete a política educacional do Estado em cada período. Até a década de 1980, somente os filhos da classe dominante tinham acesso à escola. Aos jovens,

⁷ Em pesquisa realizada com jovens do “Programa Agente Jovem”, em Goiânia-Go.

filhos da classe trabalhadora eram reservados o trabalho e a condição de analfabetos. A partir da década de 1990, com a política do Plano Decenal da Educação para Todos, houve um esforço político para que todas as crianças em idade escolar frequentassem a escola.

Embora tenham ocorrido melhorias no âmbito educacional em Goiás, o quadro que se apresenta na atualidade carece de melhorias. Se a inserção ao sistema educacional de praticamente todas as crianças em idade escolar, tornou-se realidade a permanência dos mesmos na escola e a aprendizagem satisfatória e em tempo ideal ainda não ocorrem de maneira satisfatória.

Quanto mais se aumenta a idade dos jovens maiores são os índices de abandono e o fracasso escolar. O gráfico abaixo, sobre o nível de instrução da população goiana na atualidade, permite que se tenha uma noção da dimensão dessa problemática.

Tabela 03: Nível de instrução de pessoas com 10 anos ou mais em Goiás- 2010

Sem Instrução e fundamental incompleto	Fundamental completo e médio incompleto	Médio completo e superior incompleto	Superior completo	Não determinado
49,6%	18,1%	24,2%	7,4%	0,6%

Fonte: Censo IBGE 2010. Org.: SILVA, M. P. da. 2014.

Nota-se, pelos dados da tabela, que praticamente metade da população, com dez anos ou mais de idade, não consegue concluir o Ensino Fundamental e somente 7,4% concluem o Ensino Superior. Infere-se que os que atingem maior nível de escolarização pertencem a famílias mais abastadas da sociedade.

O exemplo do segundo entrevistado deste estudo ilustra uma situação que não está totalmente democratizada no estado de Goiás, nem tampouco no País. Embora tenha sido facilitado o acesso à escola nas últimas décadas, ainda é notável a diferença de desempenho e sucesso escolar de acordo com a origem socioeconômica de cada estudante goiano.

Considerações finais

As transformações socioeconômicas em Goiás, iniciadas na década de 1930 e intensificadas na segunda metade do século passado, foram fundamentais para constituição da juventude goiana. Entre as principais transformações socioeconômicas, destaca-se a urbanização da população. Somente ao jovem urbano seria possível a concessão do período de moratória, fundamental para a vivência da juventude.

Além de oferecer as condições para a constituição da juventude, o processo de modernização do território goiano e sua inserção na economia mundial, provocaram

mudanças em diversos elementos no universo juvenil. O trabalho e a educação figuram entre os vários elementos que representam tais mudanças.

Com relação ao trabalho, inferimos que houve a transferência do jovem do setor primário para o setor terciário da economia. Na nova sociedade urbana de Goiás, a oferta de trabalho ocorre predominantemente na prestação de serviços, na administração pública e no comércio, sendo que os trabalhadores deste último apresentam a menor média etária.

As transformações na educação em Goiás acompanharam a tendência nacional. Houve a aproximação do jovem com a escola e como consequência reduziu-se enormemente o índice de analfabetismo no Estado. Apesar dos avanços, ainda é grande o índice de abandono e fracasso escolar entre os jovens. O percentual de goianos com curso superior completo não alcança 8% da população.

Embora tenham sido analisadas as mudanças relativas ao trabalho e a educação, diversos outros elementos do universo juvenil sofreram profundas alterações em função da modernização do território goiano. Entre os vários elementos destaca-se a valorização da juventude.

Não há mais a necessidade de usar roupas e acessórios com a finalidade de deixar a aparência mais envelhecida, para adquirir credibilidade junto à sociedade, como ocorria há décadas atrás. O jovem da sociedade atual é reconhecido e valorizado inclusive por sua condição juvenil.

Outra importante mudança é o alargamento da juventude. Se na sociedade agrária goiana os jovens assumiam as tarefas laborais ainda na infância e se casavam antes dos dezoito anos de idade; na sociedade atual, tais iniciações são cada vez mais postergadas. Os jovens preferem permanecer solteiros na casa dos pais por mais tempo e a desvinculação de valores relacionados à cultura juvenil parece não ocorrer. Os “novos pais” se vestem, divertem, agem, consomem, etc. de forma muito parecida com seus filhos.

Há de se destacar, também, a leitura negativa que se faz da juventude na atualidade. Se há tempos atrás a juventude era sinônimo de esperança e construção de um mundo melhor. A juventude goiana contemporânea é muito frequentemente relacionada a fatores que negativam sua imagem, tais como: desemprego, drogas, violência, sexismo, gravidez precoce, desinteresse pela escola, falta de compromisso social, irresponsabilidade e outros.

The youth in the context of urban and industrial society in Goiás

Abstract: The text presented is an analysis of the formation and evolution of youth in the context of urban and industrial society of Goiás in the period from the end of the 1970-2010 decade. In this regard, we emphasize the transformative context of territorial modernization as a transformative element of Goiás culture and consequently the youth situation. To give plausibility to that goal, there is the conceptual differentiation of youth and young term and elects the categories work and education as illustrative of the changes in youth in Goiás elements. Thus, we listed the relationship of youth to work and education, in Goiás agrarian society and the urban and industrial society Goiás. As methodological procedure, we used oral history and quantitative methodological tools (charts, tables, maps) and qualitative (interviews, participant observation) to supplement a theoretical review of the scholars. In this sense, this study considers to be a contribution to the understanding of youth in concert goiana reality.

Keywords: Youth. Work. Education. Modernization. Territory. Goiás.

Referências

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. in: ABRAMO, H. W. e BRANCO, P. P. M. (org) **Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2011.

ARRAIS, Tadeu Alencar. **Geografia Contemporânea de Goiás**. Goiânia: ed. Vieira, 2004.

BORGES, Barsanufu Gomides. **O Despertar dos Dormentes-estudo sobre a Estrada de Ferro de Goiás e seu papel nas transformações das estradas regionais: 1909-1922**. Goiânia: Cegraf/UFG, 1990.

CANEZIN GUIMARÃES, M. T. e DIAS, L. C. O. Jovens pobres, espaços de formação e estratégias de sobrevivência. in: CANEZIN GUIMARÃES, M. T. (Coord.). **Jovens, Educação e Campos Simbólicos**. Goiânia: Editora da UCG, 2007.

CASSAB, Clarice. REFAZENDO PERCURSOS: considerações acerca das categorias jovem e juventude no Brasil. *PERSPECTIVA*, Erechim. v. 34, n. 128, p. 39-51, dez. 2010.

CHAUL, Nasr Fayad. **Caminhos de Goiás, da construção da decadência da modernidade**. Goiânia: Editora da UCG, 2010.

CHAVEIRO, Eguimar Felício; CALAÇA, Manoel e REZENDE, Mônica Cristina da Silva. **A dinâmica demográfica de Goiás**. Goiânia: Ellos, 2009.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. O jovem aluno contemporâneo e as demandas da escola: mundos em conflito. In: CAVALCANTI, Lana de Souza; BUENO, Miriam Aparecida e SOUZA, Vanilton Camilo. (Org.). **Produção do Conhecimento e Pesquisa no Ensino da Geografia**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2011, p. 179-189.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Uma Interpretação do Cerrado pela Geopolítica: para uma agenda de pesquisa.** [S.l.: s.n.], 2013.

DEBERT, Guita Grin. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. in: **Horizontes Antropológicos.** Porto Alegre: v. 16, n° 34, jul/dez 2010.

ESTEVAM, Luís. **O Tempo da Transformação: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás.** 2ª Ed. Goiânia: Editoria da UCG, 2004.

INOCÊNCIO, Maria Erlan. **As tramas do poder na territorialização do capital no cerrado: o prodecer.** Tese de doutorado. Goiânia: UFG/IESA, 2010.

MENDONÇA, Marcelo. **A Urdidura do Trabalho e do Capital no Cerrado do Sudeste Goiano.** Tese de Doutorado em Geografia-Faculdade de Ciências e tecnologia. Presidente Prudente: UNESP, 2005.

SOBRE O AUTOR

Maciel Pereira da Silva - Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás. Especialização em Projetos Educacionais com ênfase em Gestão Ambiental pela Faculdade do Noroeste de Minas (2008). Graduado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (1995). Atualmente é professor efetivo na Secretaria de Educação do Distrito Federal.

Recebido para avaliação em Janeiro de 2015

Aprovado para publicação em Abril de 2015